



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA**  
**CAMPUS JOÃO PESSOA**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**  
**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª**  
**LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**JANAÍNA PEREIRA DE SOUSA**

**ADAPTAÇÕES NO MATERIAL DIDÁTICO PARA ENSINO DE LEITURA DA**  
**LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM SALA DE AULA**  
**BILÍNGUE**

**JOÃO PESSOA**

**2020**

**JANAÍNA PEREIRA DE SOUSA**

**ADAPTAÇÕES NO MATERIAL DIDÁTICO PARA ENSINO DE LEITURA DA  
LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM SALA DE AULA  
BILÍNGUE**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo Livramento, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação do(a) Prof.(a). Me. Camila Michelyne Muniz da Silva.

**JOÃO PESSOA**

**2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

S725a

Sousa, Janaína Pereira de.

Adaptações no material didático para ensino de leitura da  
língua portuguesa para alunos surdos em sala de aula bilíngue  
/ Janaína Pereira de Sousa. – 2020.

23 f. : il.

Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa  
como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba –  
IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação.  
Diretoria de Educação a Distância.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Me. Camila Michelyne Muniz da Silva.

1. Língua portuguesa. 2. Educação bilíngue. 3. Surdos. 4.  
Material didático. 5. Leitura. Título.

CDU 81'246.2:376

**JANAÍNA PEREIRA DE SOUSA**

**ADAPTAÇÕES NO MATERIAL DIDÁTICO PARA ENSINO DE LEITURA DA  
LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM SALA DE AULA  
BILÍNGUE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

João Pessoa, 01 de dezembro de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

*Camila Michelyne M. da Silva*  
Prof.(a.) Ma. Camila Michelyne Muniz da Silva  
Orientador(a) – UFPE

---

*Monique Alves Vitorino*  
Prof. Dra. Monique Alves Vitorino  
Avaliador(a) – IFPB

  
**Nidia Nunes Máximo**  
Coord. de Letras LIBRAS  
Departamento de Letras  
SIAPE: 2143407

---

Prof.(a.) Ma. Nidia Nunes Máximo  
Avaliador(a) – UFPE

# Adaptações no material didático para ensino de leitura da Língua Portuguesa para alunos surdos em sala de aula bilíngue

Janaína Pereira de Sousa<sup>1</sup>  
Camila Michelyne Muniz da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente estudo traz reflexões acerca do material didático de Língua Portuguesa (LP) ofertado em salas de aula bilíngue para alunos surdos. Discute sobre as necessidades de adaptação desse material para desenvolvimento da leitura, e trata da necessidade do professor reconhecer esse aluno como um aprendiz visual, considerando sua comunicação por meio da Libras. O presente estudo se configura como uma pesquisa ação, com a finalidade de propor critérios para adaptações de material de Língua Portuguesa no ensino direcionado ao aluno surdo em salas de aula bilíngue do quarto ano do ensino fundamental, numa abordagem qualitativa. A análise dos dados acontece mediante um diálogo entre os estudos bibliográficos analisados e as adaptações realizadas pela autora do trabalho em uma atividade proposta no livro didático em estudo. Com intenção de refletir sobre a forma mais eficaz de desenvolver a capacidade leitora, da Língua Portuguesa, do aluno surdo, o presente artigo traz considerações sobre o ensino direcionado a esse aluno, reconhecendo suas capacidades e necessidades. Apresenta uma adaptação para o desenvolvimento desse aluno no processo de desenvolvimento de leitura no ensino da Língua Portuguesa, como sua segunda língua (L2).

**Palavras-chave:** Adaptação. Desenvolvimento. Leitura.

**Abstract:** The present study brings reflections on the didactic material of Portuguese Language (LP) offered in bilingual classrooms for deaf students. Discusses the need for adaptation of this material for the development of reading, and addresses the need for the teacher to recognize this student as a visual learner, considering his communication through Libras. The present study is configured as an action research, with the purpose of proposing criteria for adaptations of Portuguese Language material in teaching directed to the deaf student in bilingual classrooms of the fourth year of elementary school, in a qualitative approach. Data analysis takes place through a dialogue between the bibliographic studies analyzed, and an activity proposed in the textbook under study. With the intention of reflecting on the most effective way to develop the reading ability, of the Portuguese Language, of the deaf student, this article brings considerations about the teaching directed to this student, recognizing their abilities and needs. It presents a adaptation, for the development of this student in the process of developing reading in the teaching of Portuguese, as his second language (L2).

**Key words:** Adaptation. Development. Reading.

## Introdução

O presente trabalho traz abordagens acerca da importância de adaptar o material didático para leitura de estudantes surdos em escolas bilíngues, os recursos visuais no ensino dos estudantes surdos ganham um importante espaço, desde vídeos, em língua de sinais,

---

<sup>1</sup> Graduada do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB e Especializada pela Universidade Estácio de Sá, [nainper@gmail.com](mailto:nainper@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [camila.michelyne@ufpe.br](mailto:camila.michelyne@ufpe.br)

fotos, interações gestuais, material impresso adaptado até uso de aplicativos em tecnologias de informação. Enxerga-se uma alfabetização escrita dos surdos na sua L1, precedente da alfabetização em português. Porém é válido destacar que na maioria das realidades escolares os materiais não são adaptados para a criança surda, sendo ofertados materiais igualmente produzido para estudante ouvintes, também, destinados ao aluno usuário da língua de sinais, impossibilitando o mesmo de ter acesso ao conteúdo de forma autônoma e compreensível.

Sabendo que o tema da pesquisa é materiais didáticos na educação bilíngue, e identificado como problema as atividades de leitura que são propostas para alunos surdos, elaboradas inicialmente para alunos ouvintes, foi determinada a seguinte questão:

Que adaptações são necessárias para que o material didático seja adequado para a aprendizagem da leitura de LP na educação bilíngue de surdos?

Com base na questão o objetivo geral da pesquisa se formulou em propor critérios de adaptações do material didático utilizado no ensino de leitura da LP na educação bilíngue para surdos. Tem como objetivos específicos analisar o material didático utilizado em salas bilíngues no ensino de leitura LP, apontar aspectos que precisam ser adaptados para que o aluno surdo tenha acesso à leitura LP, e sugerir alterações (no material didático) necessárias para a aprendizagem da leitura de LP pelo aluno surdo.

O procedimento metodológico deste estudo se classifica como um estudo bibliográfico e pesquisa-ação. Uma pesquisa fundamentada na abordagem qualitativa, promovendo uma ligação desenvolva entre a realidade e o sujeito, sem fazer uso de procedimentos estatísticos.

É creditado que ao final da referida pesquisa, haja a conscientização de educadores de alunos surdos em salas bilíngues, que com o apoio em materiais adaptados, seja possível garantir que a criança, não ouvinte, inserida na escola de educação básica, desenvolva aprendizagens significativas, alcançando sua capacidade leitora, apoiada nos recursos certos.

### **Algumas Reflexões Sobre Leitura**

A leitura pode ser considerada uma ação social e cognitiva em que se procura construir significados, isso porque alguns textos exigem do leitor conhecimentos culturais para efetiva compreensão, tornando o papel do leitor ativo. No gênero textual charge, por exemplo, nem tudo está dito na face textual, há questões que são compreendidas apenas quando associadas a interações da sociedade em que se está inserido. De acordo com Koch e

Elias (2017), todo texto tem uma finalidade para ser escrito, não são frases soltas, existem inúmeros conhecimentos envolvidos, inimagináveis.

Pensar texto implica considerar, além do conhecimento da língua, conhecimentos enciclopédicos que compõem os *frames* ou *enquadres*, ou os nossos *modelos mentais*. Por exemplo, ir a um restaurante, voar de avião, tomar o metrô, fazer uma festa de aniversário, brincar o carnaval etc. Quando falamos ou escrevemos sobre um deles, ativamos na memória os conhecimentos ali armazenados e basta ativar um ou outro que os demais nos vêm imediatamente à lembrança. (KOCH; ELIAS, 2017, p. 16)

O processo de ler pode ser delineado como uma atividade de cunho dialógico, com elevada complexidade, capaz de promover a construção de sentido mediante elementos linguísticos escritos, mobilização de experiências sociais, e o despertar de processos cognitivos. Não se traça a leitura como uma prática apenas de decodificação de letra e palavra, mas sim como um desempenho zeloso de compreensão que circunda variadas obras cognitivas e aprendizados sociais. A partir dos PCNs (1998), pode-se inferir que um leitor consagrado no entendimento de textos literários, terá desenvolvimento ativo no processo de interpretação e compreensão dos textos.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998, p. 69).

Como dito anteriormente, o ato de ler não é um processo restrito a atividade de identificação do significado dos vocábulos e das partes que o compõem, na prática é eficaz estabelecer ligações entre um fragmento e seus conhecimentos prévios. Um leitor atento, conduzido por intenções e possibilidades de leitura, considera as indicações textuais operando inferências. O significado advindo de uma produção escrita pelo leitor é uma composição que vai além do texto. Nesse sentido é destacado que a prática de ler reivindica a compreensão do que se decodifica, importando a maneira como é ofertado o conteúdo do texto, finalidades, perspectivas, saberes e métodos de leitura. Segundo Leffa (1996), para efetivação da verdadeira leitura é necessário enxergar o texto e reconhecê-lo, baseado em um conhecimento prévio do leitor.

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo. (LEFFA, 1996, p.10)

É conferido acesso ao desenvolvimento da leitura por meio da língua e de sinais não-linguísticos, sendo ela efetivada não apenas na palavra escrita, mas no próprio mundo que nos cerca. A leitura pode ser efetuada em práticas de ler palavras e objetos, servindo esses como recursos agentes e precursores. A grafia obtém sentido mediante a ação do leitor e a constância que nos inserimos em hábitos comunicativos variados.

Para Paulo Freire (1981), a educação deve ser uma vivência sólida de libertação, uma prática construtiva, com educadores e estudantes críticos na vivência educativa, entendedores de seu contexto.

[...] a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Adernais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. (FREIRE, 1981, p. 7).

A ação leitora é o processo de compreender as mensagens transmitidas pelos inúmeros sinais que nos cerca, é um encontro entre texto e leitor, é relacionar uma mensagem recebida com nossos conhecimentos e vivências, podendo o leitor vir a discordar ou concordar com o comunicado. Se trata de uma prática progressiva, comunicativa e basicamente um exercício de representação.

Na educação brasileira foi prevalecte por muito tempo a concepção de leitura que se estabelece como a decodificação, pelo receptor, de um comunicado codificado pelo emissor. Essa percepção da leitura é consecutiva da ideia de língua como código, o que teve influência no delineamento de um ensino voltado à inteligência do sistema linguístico, atento a gramática, a forma lexical, e a fonética.

Um dos grandes desafios da escola é o desenvolvimento do aprendizado da leitura de seus alunos. Percebe-se a necessidade de se propor aos educandos atividade de leitura na qual eles sejam capazes de discernir a ideia do texto e o seu significado, bem como das atividades propostas. Para Nascimento (2015, p. 67) “[...] a surdez é considerada como uma experiência visual, já que a pessoa surda percebe e compreende o mundo por meio da visão”. Será a escola capaz de garantir o desenvolvimento da leitura dos alunos surdos nela inserida?

## **A Leitura de Língua Portuguesa Por Alunos Surdos**



Dorziat e Figueiredo (2002-2003) corroboram que a língua de sinais é fundamental para o desenvolvimento das pessoas surdas e a língua majoritária, ou seja, a Língua Portuguesa, é importante para proporcionar a inclusão social dessas pessoas.

O aprendizado da leitura de LP por pessoas surdas não segue o mesmo percurso que o das pessoas ouvintes, uma vez que a língua de sinais é visual e espacial, enquanto a LP é oral e auditiva, sendo assim muito distintas em seus canais de emissão e recepção. De forma interativa com o meio, o aluno surdo faz a leitura de mundo, efetivando sua comunicação na L1, construindo conhecimentos, ressignificando vivências e formulando sua consciência de mundo. O letramento em LP acontece por meio da relação entre o sistema linguístico da língua de sinais para o português, em que a pessoa surda faz comparações entre uma língua e outra. É como um constante movimento entre o mundo e o texto, adquirindo consequentemente a competência linguística da língua alvo. Segundo Fernandes (1990) pode acontecer, do aluno surdo, ler a palavra e confundi-la com outra que já conhece, distorcendo todo o sentido da frase, ou até, de todo o texto.

Na leitura efetuada por alunos surdos inexistente a relação som e palavra, sendo assim ao ler, os surdos tem um conhecimento apenas da forma escrita da palavra (FERNANDES, 2006). Isto é, a grandiosidade da heterogeneidade da fala não lhes é compreensível, já que os materiais oferecidos ao estudo do português não são um retrato do que a língua é. A comunicação é simplesmente visualizada, ocorrendo um desenvolvimento da L2, de maneira silenciosa, esquematizada por meio de instrução metódica. As ferramentas que movimentam o arranjo da competência linguística desenvolvem-se por meios que não estão dispostos na exibição sonora.

Devido às dificuldades de acesso à linguagem oral, é por meio da visão que os estudantes surdos vão adquirir a Língua Portuguesa, razão por que é necessário possibilitar, desde o início da escolaridade, situações de leitura. É ela que vai tornar possível o acesso à Língua Portuguesa, daí a importância de expor os estudantes surdos à leitura de textos autênticos e interessantes, de diferentes gêneros e tipos textuais. Desta forma, eles poderão aprender o sistema da língua, bem como ampliar seu conhecimento letrado. (PEREIRA, 2016, p. 07).

A oportunidade de aprender a LP por alunos surdos nasce na mediação da Libras no ensino de português, em que esse aluno confere sentido a leitura, e expande seu conhecimento de mundo. É no acesso a variados gêneros textual que eles tem a possibilidade de se tornarem leitores e escritores, o que não é possível quando é ofertado a essas crianças apenas palavras solitárias. As crianças precisam dominar uma língua, a L1 oportuniza o acesso a leitura, pois elas fazem aproximação das letras impressas com a língua que já

dominam, o ensino dessa leitura precisa ser ofertado, de forma que nesse ensino o objetivo seja que a criança surda compreenda e relacione a grafia com a Libras.

Através da Língua Gestual, a criança pode dispor de uma quantidade e variedade de experiências, possuir um conhecimento dos diferentes tipos de texto, descobrir a potencialidade da linguagem e o seu poder para criar mundos possíveis ou imaginários. Desta forma, mesmo sem saber ainda ler, percebe a funcionalidade da leitura e da linguagem escrita. Como tal, a Língua Gestual pode ser muito útil nas atividades de motivação e aprendizagem significativa da leitura, proporcionando ainda um suporte semântico e conceptual. (BAPTISTA, 2010, p. 201).

Para os surdos, a aprendizagem da Libras como L1 possibilita o crescimento linguístico e cognitivo, oportunizando a comunicação e a socialização, tornando-os capazes de expressar opiniões e pensamentos. A fluência na língua de sinais em um espaço que oportunize seu uso é um exemplo de ensino adequado para educação de surdos com sucesso. A oferta de variados gêneros textuais deve ser ofertado à criança desde a pré-escola, divertindo-a e aguçando sua curiosidade com satisfação, e não por obrigatoriedade educacional. A contação de histórias pode ser realizada pela língua de sinais, com exibição da escrita e das imagens, proporcionando as crianças surdas que elas relacionem o conteúdo escrito, sinais e imagens, mesmo que ainda não tenham a capacidade leitora. Até mesmo com livros não adaptados para crianças surdas, quando já estão realizando escritos, elas o fazem junto com seus professores e expressam sua opinião mediante o conteúdo na língua de sinais.

### **O Material Didático no Ensino Bilíngue Para Surdos**

O material didático na modalidade de ensino bilíngue, para pessoa surda, tem a necessidade de ser adaptado para que o aluno surdo compreenda seu conteúdo e assim desenvolva a aprendizagem. O resultado satisfatório nesse ensino bilíngue para surdos requer uma tradução metódica para alcançar a qualidade no ensino. A organização das informações inicia-se na oportunidade que o estudante surdo compreende imagens e palavras de uma determinada apresentação, que pode ser, por exemplo, uma exposição em Libras. Galasso et al. (2018) considera que palavras escritas e as imagens são capturadas pelos olhos do surdo e são retratadas na sua memória sensorial, classificando palavras escritas em um tipo verbal, e imagens em tipo pictórico, integrando assim informações.

O processamento de informação inicia a partir do momento que o estudante surdo assimila imagens e palavras de uma apresentação multimídia, que pode ser, por exemplo, um vídeo em Libras. Para capturar essa apresentação, as palavras escritas e as imagens entram pelos olhos do surdo e são brevemente representadas na memória sensorial. Em seguida, na memória de trabalho, o

surdo seleciona as principais palavras e imagens e as organiza, categorizando palavras escritas em um modelo verbal, e imagens em modelo pictórico. A partir dessa organização, estrutura-se um modelo integrado de informações. (GALASSO et al., 2018)

Para Fernandes (2003), o conceito de bilinguismo abrange um patamar ainda mais relevante do que aquele pelo qual ainda é compreendido pela maioria dos centros educacionais de surdos. A autora considera que não se constitui bilinguismo pela simples inclusão da língua de sinais acompanhando a LP na sala de aula, com o trabalho dos intérpretes e dos monitores. Seus horizontes são mais significativos e alcançam dimensões que englobam segmentos como a comunidade surda, os educadores, a família e a sociedade.

A Libras é reconhecida, mediante estudos, como a L1 do surdo, tendo, portanto, a LP como L2. Ambas as línguas são decorrentes de natureza distinta, exigindo combinação nos métodos e técnicas do ensino dirigido aos sujeitos surdos. O material didático de LP deve ser direcionado como ensino de uma L2 para os aprendizes surdos, sendo o ensino direcionado a partir da língua materna do aluno. Na educação do surdo o vislumbrar vai ocorrer mediante identificação de objetos e atividades, e o interpretar vai acontecer na percepção da serventia do objeto no mundo e nos significados das atividades. Sendo assim, as interpretações e o modo de perceber irão acontecer mediante as experiências de cada pessoa.

Os possíveis cenários de uso da LP pela pessoa surda devem ser estabelecidos, selecionando os gêneros textuais que os indivíduos surdos irão fazer uso, levando em conta todas as partes interativas. É importante que o professor propicie situações comunicativas, visando a construção de memórias em LP. Para isso é necessário ir além das paredes da sala de aula, abrangendo assim o mundo real, possibilitando aos alunos cumprirem ações sociais frente a sua realidade.

Para Baptista (2010) o princípio fundamental do bilinguismo é repassar à criança um meio linguístico em que os interlocutores relatem com ela de uma maneira natural, tal como é feito com a criança ouvinte por meio da língua oral, onde a criança não terá apenas assegurada a aquisição e o desenvolvimento da linguagem como, também, a integração de um autoconceito positivo. Não é necessário que o surdo tenha uma vida semelhante à do ouvinte, ele pode aceitar e assumir a sua surdez, e suas peculiaridades. A aprendizagem da LP é ansiada, mas não é o único objetivo educacional do surdo nem a única possibilidade de reduzir as diferenças causadas pela surdez. O bilinguismo oportuniza na criança surda o reconhecimento à “semelhança de” e não à “impossibilidade de ser”.

Na LP como L2 o ensino precisa oportunizar aos alunos formas de aumentar sua interação por meio da própria LP, identificando formas e lugares de usar essa língua, seja em uma situação de conversas informais, compras de supermercado, em um barzinho ou em ocasiões formais como de entrevista de emprego. Os alunos que dominam a LP como L2 reconhecem variadas maneiras que podem se expressar nessa língua, e acabam desenvolvendo intimidade com a mesma, e a conhecendo com domínio. A linguagem como interação permite a reflexão das relações sociais constituídas por meio da língua, é dentro de sua funcionalidade que a sua compreensão é efetivada. No Projeto Escola Viva (2000) temos que “Não é apenas o fato de o surdo não receber informações auditivas que interfere nas suas práticas linguístico-discursivas em português, mas também, o fato de a língua de sinais estar participando ativamente no processo de elaboração discursiva”.

## **Metodologia**

A presente pesquisa é realizada mediante a análise de uma atividade apresentada a uma turma do quarto ano do ensino fundamental presente no livro didático *Ápis Língua Portuguesa*, Trincone (2017), ofertado na escola pública, destinado ao aluno, seja ele, surdo ou ouvinte que venha a frequentar a escola. Será mostrado na presente pesquisa, uma opção de adaptação, para que o determinado material seja acessível para o aprendizado e autonomia do estudante surdo, em sala de aula bilíngue. A referida pesquisa se configura como uma pesquisa-ação, onde sou a professora de sala de aula inclusiva, trabalho com o material didático, aqui analisado, e com as crianças que chegam à minha sala de aula, seja ela surda ou não.

A metodologia aponta a rota do pesquisador, por ser de caráter participativo. Esse modelo de pesquisa apresenta um determinado ímpeto democrático e considerável contribuição a modificação social.

A pesquisa-ação tende a documentar seu progresso, muitas vezes por meio da compilação de um portfolio, do tipo de informações regularmente produzidas pela prática rotineira, tais como resultados de testes em educação ou índices de satisfação dos clientes com as organizações de serviço ou as atas de reuniões de equipes de produção nas empresas. (TRIPP, 2005, p. 449)

A pesquisa-ação permite superação na prática docente, ocasionando resultados compreensíveis, entre teoria e prática, num processo reflexivo de realce coletivo no meio da investigação.

A pesquisa estabelece um diálogo entre prática e teoria, por meio de um estudo bibliográfico elaborado mediante análise de três publicações, com os seguintes títulos: “Adaptações curriculares de pequeno porte, Projeto Escola Viva (2000)”, “Problemas linguísticos e cognitivos do surdo, Fernandes (1990)”, e “Temas em educação inclusiva, Nascimento (2015)”.

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. (BOCCATO, 2006, p. 226)

O presente estudo é baseado em abordagens qualitativas, se enquadrando melhor aos objetivos em questão. Os resultados desse tipo de pesquisa não priorizam dados estatísticos, consiste na sistematização de informações apresentadas e melhoradas, diante do seu conteúdo. Para Richardson (1999) na pesquisa qualitativa é importante considerar que:

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno. (RICHARDSON, 1999, p. 102).

A escolha dessa abordagem se justifica mediante a importância de se compreender que os textos que chegam para o ensino da leitura para crianças surdas necessitam ser adaptadas, para sua compreensão e interação em sala. “Os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser” (HANGUETTE, 2003, p.63 apud TRILHAS DO APRENDENTE, 2011, p. 635).

Mediante a sistematização de leituras e análise do material didático citado, essa pesquisa mostra a realidade dos textos ofertados nas escolas e uma alternativa eficiente de adaptação desse material numa proposta bilíngue na escola básica. Essa pesquisa visa em primeiro plano argumentar sobre a necessidade de adaptar o material e depois identificar o problema dos textos não adaptados, para desenvolver argumentos e apresentar alternativas de materiais indicados no ensino de leitura do português para surdos.

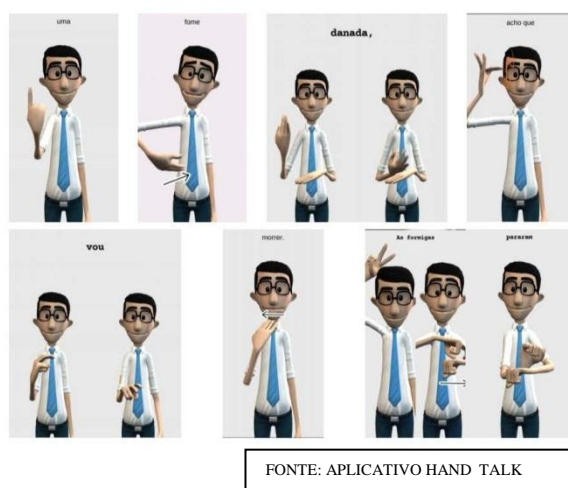
### **Compreendendo o Material Adaptado**

Para ter uma breve ideia do material a ser adaptado é necessário refletir sobre o que será trabalhado. Nesse artigo foi selecionado para análise um texto do gênero fábula em prosa, A cigarra e a formiga, na página dezoito, um exercício de interpretação e compreensão, nas páginas dezenove e vinte, ofertados no livro didático de Trincone (2017), para alunos do

quarto ano do ensino fundamental, anos iniciais, na disciplina de Língua Portuguesa, direcionado a sala de aula bilíngue. A princípio o material didático, aqui em estudo, inicia com um breve comentário sobre o gênero textual fábula, logo em seguida ele dispõe da fábula em prosa, com uma simples imagem ilustrativa, que permite pouca interpretação.

É perceptível que o estudo proposto da leitura do referido texto é individual, requerendo do aluno autonomia no ato de ler. Porém é notório que o texto dirigido ao aluno surdo carece de adaptações, para que o mesmo tenha acesso ao seu conteúdo e faça uma leitura eficaz.

Diante da prática aqui estudada, foi considerado irrelevante o breve comentário do texto, na sua forma física, acerca do gênero textual estudado, por ser dialógico. Considerou-se que esse comentário pode ser discutido coletivamente antes mesmo de dar início a tarefa de leitura pelos alunos, havendo na aula uma apresentação do gênero textual com discussões coletivas entre alunos ouvintes e surdos. Sendo assim, na adaptação do material para leitura individual do aluno surdo foi retirada a breve discussão abrindo espaço exclusivamente para leitura do texto de estudo da aula de maneira adaptada. Na adaptação do material didático existe uma exposição de todo o texto através da língua de sinais, para que a criança possa efetuar sua leitura baseada na sua primeira língua. Porém vale destacar que a criança tem acesso a cada palavra escrita posicionada acima de cada sinal exposto. Como no exemplo a seguir.



Na página dezenove, a seguinte a ser adaptada, seguindo o livro didático, apresenta-se um pequeno relato sobre o autor da Fábula, Esopo, seguido da atividade de compreensão e interpretação do texto. Para adaptação da referida página foi elencada um proposta diferente. Com apoio da professora, a leitura da atividade deverá se efetuada por meio de pesquisa no aplicativo disponível na Play Store, Hand Talk (que se trata de uma plataforma que traduz

conteúdo da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais simultaneamente, criado por Ronaldo Tenório, Carlos Wanderlan e Thadeu Luz e lançada em julho de 2013, com a finalidade de promover inclusão social de pessoas surdas). Para o aluno é um desafio maior, pois o mesmo precisa efetuar busca por meio da digitação da escrita. Nessa atividade a proposta é retirar na adaptação o trecho de breve relato sobre Esopo, excluir a questão de número um (1), por considerar que o desenvolvimento do aluno será de maior aproveitamento executando essa partes por trocas dialógicas em roda de conversa com apoio em imagens dos personagens da fábula. Permanece na atividade adaptada o número dois (2) e o número três (3) com alterações na escrita das proposições, para que as palavras estejam disponíveis para pesquisa no aplicativo Hand Talk. Consideram-se questões desafiadoras, porém necessárias a aprendizagem do aluno.

Com a adaptação sugerida é possível que o aluno tenha acesso ao conteúdo da aula, na língua de sinais por meio do aplicativo Hand Talk, não ficando excluído de nenhuma informação e tendo garantido seu acesso a leitura.

Na próxima página, o livro traz questões edificantes para a interpretação do texto exposto. Um livro totalmente voltado ao aluno ouvinte, sendo insuficiente para a compreensão do aluno surdo. Com nitidez é compreensível a necessidade de adaptação de todo material. Na referida página, foi considerada a permanência dos enunciados quatro (4) e cinco (5). São enunciados de pontos altos do texto, que comprovam a compreensão ou falta dela, por quem efetuou a leitura do mesmo. A questão seis (6) terá remoção por se tratar de uma discursão irrelevante para a aprendizagem da leitura do aluno surdo. Foi conservada a questão de número sete (7), considerada com boa carga para o aluno leitor (em desenvolvimento), e com rica informação acerca da temática do texto em estudo. Para tais questões, também, foi assegurado o uso do aplicativo Hand Talk, pelo aluno surdo. A escrita também será baseada pelo aplicativo.

A sugestão acerca da questão oito (8) é que seja exposta, sinalizada por cada aluno mediante opinião individual sobre o ensinamento que essa fábula deixou, considerando que é a temática principal a ser trabalhada no sentido real do texto, no contexto social.

## **Análise dos Dados**

As adaptações dos materiais didáticos evidenciados nessa pesquisa são adequações metodológicas voltadas para o atendimento das necessidades específicas do aluno surdo. Para realizar tais ajustes é necessário compreender os impedimentos característicos do aluno com

deficiência auditiva. Para que haja compreensão no processo de aprendizagem dos alunos surdos, encontramos no Projeto Escola Viva (2000) algumas providências consideradas facilitadoras no processo de acesso ao currículo.

- Apresentar referências importantes e relevantes sobre um texto (o contexto histórico, o enredo, os personagens, a localização geográfica, a biografia do autor, etc.) **em língua de sinais, oralmente, ou utilizando outros recursos, antes de sua leitura;**
- Promover a interpretação de textos por meio de **material plástico** (desenho, pintura, murais, etc.) ou de **material cênico** (dramatização e mímica).
- Utilizar um sistema alternativo de comunicação adaptado às possibilidades e necessidades do aluno: língua de sinais, leitura orofacial, linguagem gestual, etc.
- Posicionar o aluno na sala de aula de forma que possa ver os movimentos do rosto (orofaciais) do professor e de seus colegas;
- Utilizar a escrita e outros materiais visuais para favorecer a apreensão das informações abordadas verbalmente;
- Utilizar os recursos e materiais adaptados disponíveis: treinador de fala, tablado, *softwares* educativos, solicitar que o aluno use a prótese auditiva, etc.;
- Utilizar textos escritos complementados com elementos que favoreçam sua compreensão:
- Linguagem gestual, língua de sinais;
- Apresentar referências importantes e relevantes sobre um texto (o contexto histórico, o enredo, os personagens, a localização geográfica, a biografia do autor, etc.) **em língua de sinais, oralmente, ou utilizando outros recursos, antes de sua leitura;**
- Promover a interpretação de textos por meio de **material plástico** (desenho, pintura, murais, etc.) ou de **material cênico** (dramatização e mímica);
- Utilizar um sistema alternativo de comunicação adaptado às possibilidades e necessidades do aluno: língua de sinais, leitura orofacial, linguagem gestual, etc. (Grifo do autor) (PROJETO ESCOLA VIVA, 2000, p. 18)

A presente pesquisa valida que antes da execução da leitura e da atividade aqui propostas, o professor pode apresentar o gênero textual, por meio de uma outra fábula, para a sua turma, expondo na aula um vídeo com tradução em Libras e com legendas em português, familiarizando assim sua turma com o tema, que tem o propósito de trazer ensinamentos (há um grande acervo desse conteúdo disponível no canal You Tube, para uso do professor, como por exemplo O corvo e a raposa , em Libras, no canal do Pedro Dantas). Antes de ir para o material impresso o professor pode apresentar a aula com imagens relacionadas ao conteúdo da fábula, que irá ser estudada, voltando sempre que necessário as imagens para relacionar as mesmas com a temática abordada. Para Nascimento (2015), é importante que a criança surda tenha conhecimento da função social do texto estudado.

O que não deve ocorrer é a exposição a textos que não têm significado social algum para a criança. Da mesma forma que a criança ouvinte, a criança surda precisa aprender desde cedo que a leitura e a escrita têm funções sociais. Para isso, ela precisa adquirir a competência de práticas discursivas em contextos reais de interação. (NASCIMENTO, 2015, p. 73)

O ensino deve sempre dar prioridade ao que é do conhecimento de seus alunos, propondo atividades que carreguem vocabulários já trabalhados no dia a dia da sala de aula,



sempre ligado a realidade da turma, sendo assim cheios de significados. Segundo Nascimento (2015), pode ser por meio da contação de histórias em Libras, ou de leitura de livros, jogos e brincadeiras que envolvam conhecimento de mundo, é importante que as palavras tenham sentido, não sejam meras palavras soltas. A autora sugere que o professor construa a ampliação do léxico com base em campos semânticos pré-estabelecidos, o que pode facilitar a compreensão do aluno surdo, sempre de maneira contextualizada e embasada em práticas de letramento. O professor não pode desconsiderar o fato de que o aluno surdo é um sujeito visual, sua estratégia de ensino deve considerar uma didática com metodologias próprias para o seu aluno surdo. Nascimento (2015) diz que o professor é capaz de criar estratégias de ensino com apoio em um vocabulário que tenha importância emocional para a criança, a exemplo de palavras sólidas que fazem parte do seu acervo lexical inicial, como: papai, mamãe, nenê etc.

A pesquisa traz a proposta de adaptação do material didático instalada na língua de sinais, com a intenção de garantir que o aluno surdo compreenda o que lhe é apresentado, para que posteriormente ele possa desenvolver sua leitura do material escrito. Nascimento (2015) aborda que é preciso entender que a língua de sinais não é um simples recurso pedagógico, como a maioria acredita ser. Não se trata de uma ferramenta que vai assistir o professor na educação de pessoas surdas. A língua de sinais pode ser acessível à pessoa surda, uma vez que essa se expressa por meio da modalidade espaço-visual, sendo assim básico para que a criança surda construa conhecimentos. A leitura do texto deve ser apresentada de forma adaptada em Libras e no português escrito, almejando assim facilitar o processo de aquisição e desenvolvimento de leitura pelo aluno surdo, onde ele está livre para comparar a relação sinal e palavra. Diante da L1, o aluno surdo, compreende de forma lógica e organizada as informações que o texto o mostra. Acerca disso, O Projeto Escola Viva expõe que:

A língua de sinais organiza as idéias dos surdos de forma lógica diferente da organização construída por meio do uso da língua portuguesa. Assim, o surdo acaba produzindo uma estrutura gramatical diferente, que se reflete nas atividades escritas. Não é apenas o fato de o surdo não receber informações auditivas que interfere nas suas práticas linguístico-discursivas em português, mas também, o fato de a língua de sinais estar participando ativamente no processo de elaboração discursiva. Ela, portanto, não pode ser desconsiderada ao se elaborar qualquer juízo de valor e critério de avaliação da produção escrita de alunos surdos. (PROJETO ESCOLA VIVA, 2000, p. 17)

É evidente que o aluno surdo poderá ter conflito no entendimento da leitura do texto, o que torna necessário de se utilizar a língua de sinais, ou outros símbolos visuais. O Projeto

Escola Viva (2000) diz que a não utilização de códigos visuais poderá levar o aluno surdo à indiferença, ao isolamento, à agressividade ou ao erro, e isso, muitas vezes, constrói a gradativa exclusão do aluno surdo, preterido por um fracasso que não é dele, mas sim do contexto que está sendo incapaz de lhe proporcionar o aprendizado significativo da língua oficial de seu País.

O acesso, a leitura e a escrita, se torna facilitado para a criança ouvinte pelo fato de sua L1 ser oral, o que não acontece com a criança surda, pois, segundo Nascimento (2015), “[...] a escola não oferece às crianças surdas a aprendizagem de uma escrita que representa a língua pela qual elas organizam e conceituam o pensamento.” Existe a necessidade do material didático, bem como do ensino, direcionado ao aluno surdo ter a consideração do processamento cognitivo espacial especializado desses alunos, assim como tornar relevante o potencial das relações visuais que esses sujeitos são capazes de estabelecer. A autora destaca que a leitura do aluno surdo passa pelas etapas abaixo listadas:

1. Concreto – sinal: ler o sinal que refere coisas concretas, diretamente relacionadas com a criança;
2. Desenho – sinal: ler o sinal associado com o desenho que pode representar o objeto em si ou a forma da ação representada por meio do sinal;
3. Desenho – palavra escrita: ler a palavra representada por meio do desenho relacionada com o objeto em si ou a forma da ação representado por meio do desenho na palavra;
4. Alfabeto manual – sinal: estabelecer a relação entre o sinal e a palavra no português soletrado por meio do alfabeto manual;
5. Alfabeto manual – palavra escrita: associar a palavra escrita com o alfabeto manual;
6. Palavra escrita no texto: ler a palavra no texto. (NASCIMENTO, 2015, p. 74)

No material aqui sugerido verificamos que algumas etapas da lista acima estão presentes no texto. Deve-se considerar que a LP venha a ser ensinada fazendo uso de estratégias que permitam a criança surda perceber sentido e correspondência com algo que já conhece, uma vez que parte da L1 para a L2, estabelecendo uma relação simbólica com o seu significado. Nascimento (2015) destaca ainda que uma singularidade a ser destacada é o fato de as crianças surdas aprenderem a L2 concomitantemente à sua L1, visto que, conforme já dito, diferentemente das crianças ouvintes, as crianças surdas filhas de pais ouvintes habitualmente chegam à escola sem uma língua estruturada.

Na adaptação do material encontramos possíveis obstáculos, para a leitura do aluno surdo, como a variação da escrita dos verbos, que na maioria das vezes só existe um sinal para representa-lo, de modo que quando estão flexionados ao digita-lo no aplicativo Hand Talk não encontramos sinal correspondente, como é o exemplo do verbo passar, que no texto ela se encontra conjugada em primeira pessoa no passado (passei), em terceira pessoa no passado (passou), e na forma originária do verbo (passar). Na tradução do texto encontramos

o mesmo sinal para o verbo nas formas escritas passar e passou, e nenhum sinal correspondente para a forma escrita do verbo passei. Nesse estudo propomos a utilização da linguagem sinalizada para entendimento do texto e apropriação da leitura da escrita. A proposta é que o aluno primeiro compreenda o conteúdo para em seguida compreender o mesmo, mas reconhecendo a modalidade e escrita do texto.

A dificuldade de compreensão das palavras é um dos principais fatores que impedem a organização a nível conceitual do texto lido. Mas não há, apenas, a simples ocorrência de o deficiente ler e não entender a palavra. (FERNANDES, 1990, p. 105)

Ao aperfeiçoar esse material, também, é importante refletir sobre supostas palavras que seriam desconhecidas do vocabulário dos surdos, alterando o texto para escrita de uma palavra diferente, mas com o mesmo significado. Essa nova deve ser de conhecimento do aluno surdo, para que o mesmo alcance a compreensão do texto oferecido. Ainda sobre adaptação de material, Nascimento (2015) destaca que:

Durante a nossa prática como professora de sala de atendimento educacional especializado (SAEE), observamos que alguns professores, de forma equivocada, na tentativa de adaptar, ou melhor, de criar estratégias de ensino da língua portuguesa escrita para o aluno surdo, acabavam apresentando os conteúdos de maneira reduzida, ou até mesmo pequenos textos escritos sem os conectivos, por exemplo, como forma de facilitar a aprendizagem por parte do aluno surdo. Entendemos que essa prática dificulta ainda mais o processo de aprendizagem do aluno surdo, já que ele não está sendo exposto à língua portuguesa tal qual ela é, mas está entrando em contato com textos mutilados, que em nada lhes ajudará na compreensão da estrutura da língua alvo.” (NASCIMENTO, 2015, p. 70 e 71)

Na adaptação da atividade de interpretação e compreensão da fábula trabalhada, a sugestão é que o aluno a execute com apoio do aplicativo Hand Talk. Nessa atividade há uma redução das palavras escritas e questionários, além da alteração de algumas palavras, pensando na acessibilidade do aluno surdo. No que se refere as palavras da atividade, destaca-se que é essencial que o professor verifique se há essas palavras disponíveis no aplicativo, instrumento a ser utilizado pelo aluno surdo na aula, para que o mesmo tenha sucesso. Observa-se que as alterações feitas não fere a estrutura da língua, nem mutila o texto da atividade, apenas o torna acessível ao aluno surdo. Sobre o uso das tecnologias Nascimento (2015) aborda que:

As possibilidades tecnológicas hoje existentes, para além de meras ferramentas ou suportes para a realização de determinadas tarefas, se constituem elas mesmas em realidades que configuram novos ambientes de construção e produção de conhecimentos. (NASCIMENTO, 2015, p. 47)

O texto deve está à disposição do aluno para que ele faça os exercícios solicitados. O aluno poderá tirar dúvidas de vocabulários e reproduzi-los de forma sinalizada ou como for de seu entendimento. Porém nos estudos de Fernandes (1990) pode-se constatar que o que faz do surdo um falante deficiente em potencial no que concerne a figura lexical, é que sua

exposição ao léxico é muito menor que a de um ouvinte normal, em ocorrência do fato de o mesmo não encontrar oportunidade de expansão de vocabulário senão por métodos que exigem atendimento especial ininterrupto. A Libras deve ser vista como uma língua produtora de significados, diante de estratégias de ensino de LP como L2 para os alunos surdos.

### **Considerações Finais**

A análise do material didático utilizado nas salas bilíngues para aluno surdo, no ensino de leitura da LP, é essencial, pois é no estudo desse material que o professor verifica quais conteúdos são relevantes para o desenvolvimento da leitura de seu aluno, o que pode ser adicionado ou excluído, proporcionando assim uma adaptação eficaz. Verificar as palavras que tenham tradução em Libras é um dos aspectos considerados, nessa pesquisa, relevante para que o aluno surdo tenha acesso à leitura da LP. Destaca-se também o cuidado que o professor tem ao excluir conteúdos, na adaptação, se essa exclusão não irá penalizar o aprendizado e a compreensão desse aluno diante das atividades de leitura. Outro fator importante é não desconsiderar a Libras como língua de orientação desse aluno, língua pela qual ele irá se basear e desenvolver a leitura da LP nessa modalidade bilíngue. Valorizar a espacialidade e a utilização de recursos visuais ofertado nesse ensino. A presente pesquisa sugere que as alterações no material didático para ensino bilíngue do aluno surdo faça uso das tecnologias de informação, altere a escrita de algumas palavras sem mudar o sentido da mesma, para escrita dessa palavra em formatos disponíveis no aplicativo Hand Talk, e com acesso aos textos todo escrito apoiados na tradução da língua de sinais.

As adaptações necessárias para que o material didático seja adequado para a aprendizagem de leitura da LP na educação bilíngue do aluno surdo inicia-se na conscientização do professor em perceber que em primeiro lugar a atividade de leitura deve ter um significado social para a criança, para que as palavras tenham sentido e não sejam palavras soltas, o mesmo deve reconhecer o aluno surdo como sujeito visual, e considerar que é a língua de sinais que organiza as ideias do aluno surdo de maneira lógica. O material concreto deve ter alterações, mediante as limitações desse aluno, como cortes de frases e palavras, desde que não altere o sentido do texto, troca de palavras acessíveis a compreensão do aluno, e acréscimo de imagens, e até adaptações com sinais da Libras, para que esse aluno enfim alcance o objetivo que é aprender a L2.

## Referências

BAPTISTA, M. M. B. S. **Alunos surdos: aquisição da língua gestual e ensino da Língua Portuguesa**. Actas do I EIELP. *Exedra*, Coimbra, v. 9, p. 197-208, 2010.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEEF, 1998.

BRENNAND, E. G. G. et al. **Trilhas do Aprendiz**. v. 8, n. 2. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2011. 690 p.

DORZIAT, A.; FIGUEIREDO, M. J. F. Problematizando o ensino de língua portuguesa na educação de surdos. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n.18-19, p. 32-41, dez./jul. 2002-2003.

FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERNANDES, E. **Problemas linguísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

FERNANDES, S. F. **Práticas de letramento na educação bilíngüe para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.

GALASSO, B. J. B. et al. Processo de Produção de Materiais Didáticos Bilíngües do Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, n. 1, 2018.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

KOCH, I.; ELIAS, Vanda. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016, 240 pp.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

NASCIMENTO, G.R.P.; DIAS JÚNIOR, J. F. (orgs.). **Temas em educação inclusiva: Alteridades e práticas pedagógicas**. Pipa Comunicação e Editora Universitária UFPE, 2015.

PEREIRA, M. C. C. **Ensino da Língua Portuguesa para Surdos**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [EduTec], 2016a. Trata-se do texto 2 da disciplina 6 do curso de Especialização em Educação Especial com ênfase em Deficiência Auditiva/Surdez - NEaD/Unesp/SMESP. Acesso restrito. Disponível em: <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/.../1/unespnead\\_reei1\\_ee\\_d11\\_da\\_texto1.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/.../1/unespnead_reei1_ee_d11_da_texto1.pdf)>.

Acesso em: 29 ago. 2020.

PROJETO ESCOLA VIVA - **Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais**, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, C327, 2000, I 96p.: il. Iniciando nossa conversa. 6. Adaptações curriculares de pequeno porte. CDD: 372.6 CDU: 342.7.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

TRINCONE, A.; BERTIN; T.; MARCHEZI, Vera. **Ápis Língua Portuguesa, 4º ano: ensino fundamental, anos iniciais**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005